

O mal-estar do ressentimento

Celso Halperin¹, Porto Alegre

Esse trabalho procura compreender algumas raízes psíquicas e sociais do ressentimento. Partindo da ideia de que o ressentimento individual ocorre a partir de uma ameaça à integração narcísica percebida como frágil, o autor relaciona essa hipótese com algumas características do ressentimento social.

Palavras-chaves: Ressentimento; Narcisismo; Integração do Eu

¹ Membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Celso Halperin

A crescente valorização do indivíduo e da subjetividade decorrente do avanço do pensamento iluminista a partir do século XVIII provocou uma profunda alteração no equilíbrio vigente até então entre o desejo do indivíduo e as formas de controle social. Legitimado pelo pensamento racional e científico, o homem da modernidade passou a não mais aceitar o controle dogmático e absoluto imposto pela Igreja e pelo Estado, atribuindo-se um maior protagonismo e centralidade nas relações sociais. Priorizando a liberdade e a tolerância, o indivíduo tomou para si a responsabilidade pelo controle dos seus próprios impulsos sexuais e agressivos, estabelecendo a valorização da subjetividade como um dos fundamentos da civilização moderna.

Abalado pela constatação daquilo que o homem foi capaz de fazer com o próprio ser humano na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais (milhões de mortos, holocausto, bomba atômica etc.), o sujeito contemporâneo passou a questionar todos os seus princípios, ilusões e narrativas, inclusive aqueles derivados do desenvolvimento iluminista. Fundamentos da cultura, tais como a racionalidade, o pensamento científico, a moral, as ideologias e as hierarquias, bem como a própria realidade objetiva, passaram a ser colocados em xeque, ao menos no seu caráter paradigmático. Desse modo, chegamos ao século XX e ao início do século XXI esvaziados de dogmas, paradigmas e certezas.

Freud, ao analisar o mal-estar na cultura (1930/2010), enfatizou que a estruturação da civilização ocorreu quando o ser humano, outrora centrado nas forças anímicas e da natureza, passou a se responsabilizar tanto individual quanto coletivamente pelo seu destino. Assim, o indivíduo assumiu para si (sentimento de culpa inconsciente) a difícil tarefa de controlar os próprios impulsos sexuais e agressivos capazes de colocar em risco uma vida “civilizada”, trocando “um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (p. 82). Contudo, a aceitação em caráter quase paradigmático desse modelo de pensamento a respeito dos custos psíquicos do processo civilizatório passa a ser questionada e relativizada pela cultura contemporânea, que considera esse modelo apenas um contrato social característico da época na qual foi pensado, ou seja, um pensamento próprio da modernidade. A proposta (aposta?) contemporânea prioriza sempre a possibilidade e o direito à satisfação e ao êxtase, recusando a necessidade de qualquer renúncia por parte do indivíduo. Nesse sentido, Bauman (1998) enfatiza que o homem contemporâneo não está disposto a conceder a mesma cota de liberdade e felicidade que o homem da modernidade entregava. Segundo ele, houve uma importante inversão, já que “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (p. 10). Nesse novo

projeto, qualquer interdição à liberdade torna-se questionável, levando à percepção de que a autoridade e a própria lei, vistas até então como estruturantes, passem a ser consideradas como sendo intrinsecamente despóticas e autoritárias. Ainda que esse ordenamento pós-moderno traga o risco de criar um vazio simbólico provocado pela desconstrução e pela ruptura abrupta dos valores sociais estabelecidos, ele também presume e propõe que o próprio questionamento, e a responsabilidade individual e coletiva produzidos por esse questionamento, possam ser os novos pilares da cultura. Ocorre que essa proposta de refinamento social fundamentada na responsabilidade exige e presume uma capacidade de integração psíquica que nem sempre se mostra disponível para qualquer indivíduo. Entre as configurações psíquicas que representam o mal-estar do homem e da mulher nesses tempos narcísicos e individualistas, o ressentimento ocupa um lugar privilegiado, uma vez que, nessa ordenação afetiva, a pessoa se percebe constantemente como vítima de uma injustiça, sendo incapaz, portanto, de assumir qualquer responsabilidade pelo seu sofrimento.

Nietzsche (1887/2004) compreende o ressentimento como produto de uma disposição passiva daqueles que, frente às restrições impostas pela civilização, se acovardam e não reagem. Para o filósofo, o ressentimento não é o afeto que caracteriza todos os derrotados, mas somente aqueles que, por algum motivo moral, foram covardes e cúmplices da sua própria derrota. Não é o sofrimento do derrotado altivo, mas daquele que se entrega sem lutar. O ressentido deseja o sofrimento de quem lhe provocou uma dor, sem que ele, o ressentido, precise assumir qualquer responsabilidade direta. Por isso, imagina uma vingança, mas o que espera, na verdade, é que o destino ou outra circunstância qualquer vingue a sua dor, sem que ele precise implicar-se com o “serviço sujo”. Que o perpetrador sofra com o que fez, pelo menos com o remorso, essa é a grande vingança. Para Nietzsche, o desejo de vingança é o núcleo do ressentimento, pois quem não se permite re-agir, só pode *re-sentir*.

Segundo Freud (1900/2019), quando o ambiente não propicia ao bebê a vivência de satisfação almejada, um dos caminhos possíveis para que ele alcance tal propósito é recorrer à realidade interna (satisfação alucinatória do desejo). Como a fantasia é efêmera, o psiquismo desenvolve a capacidade simbólica e de pensamento a fim de alcançar, agora na realidade externa, a realização de suas necessidades e seus desejos. Winnicott (1945/1993) considera não existir uma clara diferenciação entre a realidade interna e a realidade externa para o sujeito que está passando pela experiência psíquica, sendo tudo percebido/concebido como uma realidade só (Winnicott refere-se ao bebê, mas podemos ampliar para vários momentos do funcionamento psíquico presentes ao longo da vida, desde

Celso Halperin

o bebê até o idoso). Assim, a partir de um estado primário em que há uma ilusão onipotente de domínio da realidade interna sobre a realidade externa, podemos transitar para um estado em que a fantasia (interna) e a realidade (externa) coexistem magicamente, sem a dominância de uma realidade sobre a outra. Nesse estado transicional, a realidade externa adquire para o indivíduo o *status* de autenticidade e legitimidade pela conexão íntima, intensamente integrada com a realidade interna. A coexistência do sim (onipotência) e do não (realidade externa) simultaneamente prepara e viabiliza o funcionamento simbólico, possibilitando que as experiências perceptivas possam ser representadas e incorporadas ao Eu, ao mesmo tempo em que aprimora o processo de integração e o desenvolvimento psicosssexual.

À medida que avança o processo de integração e estruturação do Eu, prospera também a capacidade de perceber que a realidade externa não está submetida à fantasia onipotente do sujeito. Essa relação entre os diferentes gradientes de fantasia e de realidade externa presentes na estruturação e no funcionamento do Eu leva-nos a três possibilidades: quando, no encontro entre a fantasia e a realidade externa, há um domínio da fantasia, temos a ilusão (por exemplo, a paixão, pois, ainda que as características do objeto externo sejam levadas em conta, há sempre o domínio da fantasia de completude narcísica, própria do mundo interno); se, no encontro, há uma equivalência entre a fantasia e a realidade externa, temos a transicionalidade (por exemplo, a prática de um jogo, a visita a um museu, o ato de assistir a uma conferência ou uma atividade de qualquer outra natureza que permita um encontro entre nossa imaginação – nossa fantasia – e determinada realidade externa, de forma que fica impossível discriminar o que são as nossas fantasias e o que era próprio da realidade encontrada, e isso passa a ser uma experiência em que o interno e o externo se confundem e se complementam em uma unidade, agora indivisível); e, em terceiro lugar, quando há uma predominância da realidade externa sobre a fantasia, temos então a criação da exterioridade por meio do reconhecimento da existência de uma realidade que não está sob o domínio da nossa onipotência (por exemplo, as forças da natureza, como a gravidade ou o magnetismo, ou da civilização, como as leis, confirmam, a cada instante, que as nossas fantasias e nossos desejos onipotentes não regem o mundo).

A ausência de interferências ambientais prejudiciais a esse processo do desenvolvimento do Eu permite que o indivíduo desfrute do funcionamento do seu mundo interno (fantasias onipotentes) e de uma realidade externa (fora da órbita do controle onipotente), bem como da transicionalidade, de forma simultânea ou alternada em diferentes momentos da vida. Quando a interferência ambiental se faz presente através de excessos ou carências, o aparelho psíquico precisa interromper seu desenvolvimento geneticamente programado para criar formas protetoras e

substitutivas para seguir com tal desenvolvimento. Como resultado, pode existir o prejuízo de uma natural plasticidade psíquica que permita o funcionamento equilibrado e fluido entre o mundo interno, externo e a transicionalidade, ocorrendo uma polarização do funcionamento psíquico no polo da fantasia ou no polo da realidade (Ogden, 1985/1995). Quando predomina o polo da realidade, há certo sacrifício da capacidade imaginativa, com uma tendência à catalogação dos pensamentos e dos sentimentos, restando pouco espaço ao mundo dos sonhos e devaneios. Quando o domínio do funcionamento psíquico ocorre no polo da fantasia, a realidade externa fica subordinada à imaginação e ao mundo interno. Em tal caso, pode haver alguma dificuldade de reconhecer e simbolizar a realidade externa, com uma tendência à interpretação dos seus sentimentos como diretamente relacionados com a realidade, ao invés de ser um sentimento que pode ou não se relacionar com a realidade externa. Nessas estruturas, quando a realidade externa não confirma a onipotência da realidade interna, certas vivências de humilhação, injúria e desamor podem provocar uma grave ameaça à soberania imaginária do Eu. Se esse abalo insiste em se fazer presente como uma ameaça à estrutura psíquica provocada por um Outro que não ofereceu o amor e o reconhecimento esperados, estamos diante do ressentimento. Seja por um histórico de desamor e discriminação ou mesmo em situações em que ao ressentido não faltaram experiências e expressões objetivas de estima e afeto, a vivência do sujeito é a de não se sentir apreciado e reconhecido, como se tais vivências não pudessem ser registradas psiquicamente ou fossem registradas apenas pela sua falta. Presumimos que essas experiências negativas prejudicam o desenvolvimento do aparelho psíquico, incapaz, muitas vezes, de dar um destino transicional ou simbólico para determinada vivência de desamor. A sensação de que um Outro não o reconheça como gostaria (ideal) provoca uma profunda dor. O Outro é percebido como aquele que denuncia o Eu imaginário, provocando um temor de ruptura não só do seu ideal, mas de todo o Eu. Para manter a integração possível do Eu, essa vivência de desamor tende a se manter congelada e dissociada das demais experiências psíquicas, o que não evita o perigo de ser revivida a cada nova percepção de ameaça à autoestima.

A fragilidade da integração narcísica e a conseqüente incapacidade de assumir a responsabilidade pelo seu sofrimento produzem a necessidade de que o Outro assuma a responsabilidade de reafirmar e valorizar a autoimagem do ressentido. No entanto, esse reconhecimento não passa necessariamente pela racionalidade ou por qualquer outro caminho manifesto. Ele precisa chegar sempre muito bem ajustado de acordo com as expectativas inconscientes do sujeito de ser o portador da completude narcísica, e nada menos do que isso. O temor do ressentido é que a realidade externa, através de qualquer sinal, identificável ou não pelo outro, deixe

Celso Halperin

de confirmar a sua realidade interna (polo da fantasia) onipotente. Maria Rita Kehl (2004), que aborda com excelência o tema do ressentimento, comenta, ao tratar da questão da luta do ressentido:

Reconhecimento, em relação a quê? Não esperem que ele o diga: para o ressentido, isto deveria ser evidente por si mesmo, sem que ele tivesse de trabalhar para demonstrá-lo... A reivindicação do ressentido é de que reconheçam que ele vale por si, pelo que ele “é”, sem que esse valor precise se realizar no mundo, no espaço público, no trabalho, no vínculo com os outros. (p. 43)

Aliás, nada pode ser mais humilhante para o ressentido do que precisar colocar as suas expectativas de amor e de reconhecimento em palavras, pois tal situação deslegitimaria o seu pretensão valor, uma vez que a valorização almejada viria mais pela sua reivindicação do que pelo reconhecimento em si.

Estamos tratando do ressentimento como produto de uma sensação de não reconhecimento do Eu pelo Outro. Talvez possamos avançar e propor que a falta de reconhecimento ocorre em grande medida pela fragilidade da estruturação de uma transicionalidade no aparelho psíquico desse indivíduo. Se a transicionalidade é uma decorrência do encontro entre o mundo da fantasia e o da realidade, a fragilidade dessa estrutura faz com que o reconhecimento (ou a sua falta) seja tomado(a) somente no polo da realidade, não se comunicando afetivamente com o polo da fantasia. Nesse modelo, o indivíduo sofre, se ressentido, por não se sentir reconhecido como um todo ou por se sentir reconhecido exclusivamente no polo da realidade, mas não naqueles aspectos situados no polo da fantasia, onde se localizam os ideais, o Eu ideal. O que faz o indivíduo se ressentir é não ser reconhecido na própria totalidade, incluindo o seu Eu ideal, fruto do narcisismo primário.

Freud (1914/2004) ressalta a importância do narcisismo dos pais na constituição do narcisismo primário do indivíduo, através de um fenômeno geralmente tratado como identificação primária. Nesse processo, além dos desejos próprios, os ideais do Eu são constituídos pelos ideais narcísicos dos pais bem como pelos ideais presentes em pessoas importantes na constituição psíquica daquele indivíduo e na própria cultura. Desta forma, quando o ideal de Eu procura uma confirmação de reconhecimento e amor, ele busca a satisfação do desejo “de vários” que ficam abrigados no ideal do indivíduo. A não confirmação desses ideais contidos no narcisismo primário (imaginação onipotente) pela realidade ou, em outras palavras, a não integração entre essas instâncias, arrisca colocar em jogo um certo equilíbrio psíquico do indivíduo e de outros (pais, familiares etc.) que

podem entrar em colapso caso a esperança de confirmação dos ideais não ocorra. Assim, quando a transicionalidade está funcionando razoavelmente, o polo psíquico que está em contato com a realidade permite o desenvolvimento das fantasias de modo que elas possam incorporar os limites trazidos pela realidade e serem integradas no aparelho psíquico pela simbolização de todo o processo. Quando há algum problema nessa estrutura transicional, os ideais contidos na fantasia não podem ser corrigidos pela realidade, mantendo-se dissociados à espera de um reconhecimento “direto” e inequívoco. O risco da não confirmação dos ideais pela realidade externa é o aparelho psíquico não integrado sentir algo como uma ausência de Eu (pela dissociação entre as realidades), bem como o risco de expor o caráter ilusório dos ideais dos pais, suas desmentidas, loucuras, segredos etc., já que tais demandas não se confirmam na realidade. Nesse sentido, o ressentido pode inclusive evitar estabelecer relações objetivas mais profundas e duradouras (amorosas, analíticas, fraternas etc.), pois elas denunciariam as demandas de um Eu ideal impossíveis de se confirmar, gerando assim grandes repercussões nos objetos autores de tais demandas.

Devemos levar em consideração ainda que, ao lidarmos com o ressentimento, estamos lidando com uma estrutura psíquica que, na minha opinião, apresenta uma falha no funcionamento transicional, impedindo assim o enriquecimento das fantasias onipotentes pelo polo psíquico da realidade. Contudo é interessante observar que, quando a transicionalidade está razoavelmente estabelecida, a identificação primária permite absorver não só os ideais narcísicos dos pais, mas também as “aquisições culturais que outrora os pais foram obrigados a acatar em detrimento do seu próprio narcisismo” (Freud, 1915/2004, p. 110). Desta maneira, podemos pensar que, no ressentimento, além da necessidade de lidar com suas fantasias narcísicas não integradas com a realidade, pode se acumular a necessidade de lidar com um narcisismo dos pais que também não foi processado pela realidade. Um narcisismo que, muitas vezes, não respeitando a conformação e a capacidade física e mental dos próprios filhos, estimula o desenvolvimento de um Eu ideal (Nós ideal?) configurado para responder às demandas de um ou de ambos os pais através de uma identificação primária passiva (Marucco, 1998).

Se o ressentimento está relacionado a uma vivência de desamparo ou de desamor experimentada por um Eu ainda não suficientemente integrado, isso não significa que esse complexo afetivo não possa corroborar o desenvolvimento do próprio processo de integração do Eu. Partindo da ideia de que o Eu apresenta uma tendência inata à integração, principalmente em condições ambientais favoráveis, podemos questionar por que a experiência de ressentimento se repete de forma tão frequente para um ressentido. Por que ele se coloca tão repetidamente em

Celso Halperin

situações nas quais não se confirmam suas expectativas de ser amado e reconhecido como deseja? Aventamos a hipótese de que o ressentido busca a repetição dessas experiências como uma forma de ressignificá-las. Na repetição, está sempre embutida a expectativa inconsciente de que algo diferente aconteça, mesmo que não se saiba qual seja esse elemento que possa fazer a diferença. Repete-se com a esperança de que exista alguma pequena alteração no processo, um pequeno detalhe na relação com o objeto que possa fazer com que aqueles ideais narcísicos sejam magicamente capazes de serem confirmados ou, ainda, que as fantasias inconscientes onipotentes consigam abrir uma fresta de transicionalidade, permitindo alguma vivência de integração entre a fantasia e a realidade. Assim, a insistência dessa vivência de desamor em se fazer presente, muitas vezes de forma compulsiva e repetitiva, seria a tentativa de passar por uma experiência que, apesar de dolorosa, traz embutida consigo a esperança de que esse sentimento dissociado possa ser transformado em um acontecimento psíquico que consiga ser simbolizado e conseqüentemente integrado ao Eu (Roussillon, 2013).

Em termos gerais, podemos dizer que o ressentimento é produzido por uma articulação entre a percepção da fragilidade do processo de integração do Eu com as ameaças provenientes do mundo externo e interno. Luis Kancyper (1994), um dos primeiros psicanalistas da América Latina a tratar do ressentimento, lembra que

O sujeito ressentido contabiliza unicamente as frustrações pelos maus-tratos padecidos nas situações traumáticas do mundo externo, tanto as situações presentes como as pretéritas, reativadas e ressignificadas. Porém esquiva-se de incluir os efeitos provenientes do renovado acionar de seus próprios impulsos destrutivos. (p. 19)

Essa frase nos leva a duas questões: a primeira é que, quando se refere às frustrações trazidas pela realidade externa, tanto passadas quanto presentes, lembramos que, ao buscar o reconhecimento não obtido no passado, o ressentido tende à idealização, seja do próprio Eu (narcisismo infantil), seja do objeto de quem espera o amor e o reconhecimento. Somente um Outro igualmente residente no mundo da onipotência e das idealizações graças ao investimento do sujeito será capaz de confirmar e se comunicar no mesmo idioma do narcisismo primário. A segunda questão da frase faz referência aos próprios impulsos destrutivos. Ao tratarmos do narcisismo primário, abordamos a presença e a força não só dos próprios desejos, como também da potência presente nos ideais e aspirações narcísicos adquiridos dos pais e de outros representantes da cultura, adquiridos através da identificação primária. No ressentimento, a força desses ideais muitas vezes se manifesta de

forma muito intensa, poderosa e irrefreável, tornando-a comparável à força de uma pulsão psíquica. Como a força desses ideais muitas vezes se contrapõe àquilo que, para um observador externo, seria a satisfação de um desejo (a interrupção de uma relação profissional ou amorosa pelo fato de um dos componentes não se sentir verdadeiramente reconhecido pela ocorrência de um pequeno incidente, por exemplo), tal força é considerada como uma pulsão de morte pelo próprio Kancyper e por vários outros colegas e autores. No entanto, podemos também avaliar que essa força busca tão somente a satisfação do desejo do narcisismo primário (incluindo os desejos dos pais e outros) justamente para dar andamento ao processo de integração narcísica que, por questões ambientais adversas, foi interrompido ou prejudicado no seu desenvolvimento. Esses impulsos provenientes dos ideais, que terão guarida no SuperEu, ainda que possam eventualmente ser destrutivos, buscam tão somente a constituição de um aparelho psíquico capaz de fazer o indivíduo sentir a vida como autêntica e espontânea. Nessa hipótese, a tentativa de restabelecer uma integração psíquica se manifesta de forma prioritária em relação à manutenção de uma relação profissional ou amorosa, como no exemplo acima, pois esse sujeito não estaria aparelhado para desfrutar uma relação como aquela que dois indivíduos já integrados desfrutariam. Assim, não estaríamos tratando de uma pulsão vital ao invés de uma pulsão de morte? Contudo, essa discussão acaba se abrindo para vários outros aspectos que fugiriam do presente trabalho.

Apesar de se sentir portador de uma pureza, de uma integridade e de uma inocência que garantem seu lugar de vítima da maldade e da injustiça provindas do mundo externo, o ressentido não está livre de ações e reações agressivas. A agressividade do ressentido não é uma força destrutiva que tem como finalidade primária a destruição do objeto. Afinal, se o objeto for destruído, o sujeito perde a oportunidade de finalmente sentir-se amado e reconhecido por ele. A agressividade do ressentido em relação ao objeto tem como objetivo provocar uma transformação no objeto, de modo que este possa reconhecer o equívoco e passe então a demonstrar o amor e o reconhecimento pelo ressentido, o que tinha sido injustamente negado em um momento anterior. Ainda que a força destrutiva presente nessa agressividade possa ter uma consequência aniquilante e devastadora, não deixa de ser a expressão de um Eu que, nesses momentos, não consegue um nível de integração suficiente para assumir a responsabilidade pela sua agressividade. O ressentido busca que o objeto apontado como responsável pela sua dor seja identificado por ele mesmo (objeto) e pelo mundo como injusto, aliviando a humilhação do ressentido em reconhecer a sua dependência infantil e o próprio ressentimento. O ressentido valoriza e geralmente idealiza o objeto causador do ressentimento, atribuindo-lhe

Celso Halperin

poderes e capacidades de que geralmente o objeto não é portador. Por isso, ele é alvo de agressões, como uma das últimas tentativas de fazer o objeto reconhecê-lo.

Algumas considerações sobre o ressentimento social

Para Max Scheler (1915/2019), o ressentimento em raras ocasiões é encontrado em sociedades rigidamente ordenadas e estratificadas, nas quais a possibilidade de ascensão social já está predeterminada com antecedência pela condição de origem ou por qualquer outro privilégio. O ressentimento social tem lugar nas sociedades moderna e contemporânea pela existência de uma contradição entre, de um lado, a promessa de igualdade social presente na nossa herança cultural iluminista e, por outro, as diferenças muito consideráveis que certos grupos ou classes encontram em relação à divisão de poder, riqueza, *status* etc. Quando a igualdade simbolicamente prometida pela cultura não se confirma na práxis cotidiana, a tendência é haver uma certa ruptura no sentimento de inclusão e pertencimento social, estimulando a filiação a grupos ideológicos radicais, religiosos e às mais diversas formações identitárias, instrumentadas ou não pelas redes sociais. Nesse ponto, é interessante que possamos diferenciar entre o uso dessas filiações na busca de um amparo para que o indivíduo apenas fortaleça o papel de vítima passiva, encaminhando-se para uma posição ressentida, e o uso dessas filiações por aquele que, identificando a diferença entre a igualdade preconizada e a realidade discriminatória, não se resigna no ressentimento, lutando ativamente para afirmar os seus direitos. Essas posições não excludentes podem se compor ou se alternar no mesmo indivíduo, em diferentes momentos e situações da vida.

No entanto, o ressentimento social não se refere exclusivamente a um passado de exclusão. A globalização e os avanços tecnológicos têm implementado uma aceleração na dinâmica social, várias vezes de difícil compreensão e assimilação para muitos indivíduos, em especial devido à intensa velocidade com que ocorre em todos os segmentos. Desse modo, o ressentimento também se faz presente naqueles grupos que, ocupando posições sociais que lhes permitiam se sentir incluídos e valorizados até um determinado momento, passam a se sentir ameaçados pela ascensão de grupos anteriormente desdenhados. Até mesmo dentro de um grupo ou classe social, a promessa de igualdade estimula a permanente comparação entre seus membros. Qualquer diferença percebida fora da igualdade presumida tende a ser avaliada como muito mais injusta do que quando a comparação é estabelecida com grupos que ocupam posições sociais e

de poder muito mais altos, como bem assinalou Freud (1930/2010) ao se referir ao narcisismo das pequenas diferenças. Assim, independentemente do grupo ou da classe social atingidos, ao que assistimos, às vezes de forma assustadora, é que alguns movimentos movidos pelo ressentimento não se dirigem contra as causas estruturais da desigualdade. Buscam somente a inversão dos papéis de vantagem e desvantagem, reproduzindo situações heterogêneas em que alguns espaços possam ser ocupados preferencialmente por um dos grupos sociais em detrimento de outros. Para Kehl (2004), o ressentimento social é uma solução de compromisso entre a insatisfação coletiva de grupos que se consideram prejudicados e as pretensões individuais de seus membros. O risco de tal associação ocorre quando a vitimização assume um lugar prioritário, levando alguns indivíduos e grupos sociais a abdicar de uma luta pela participação ativa e responsável nas estruturas de poder. Ao se resignar a uma fantasia infantil a respeito de um Outro poderoso que vai salvar seus protegidos por amor, o ressentido estaria vinculado não só a uma injustiça sofrida, mas também a uma postura passiva e resignada, a qual prioriza a esperança de ser reconhecido por um Outro forte (Estado) em oposição a uma postura ativa de responsabilizar-se pela inclusão.

Vivemos em uma sociedade cujos ideais de autonomia e soberania mascaram a nossa dependência em relação ao campo social (família, amigos, grupos, instituições etc.). Consideramos que uma característica do ressentimento, presente tanto no indivíduo quanto no social, é uma insuficiência de integração na sua tessitura. Assim como no plano individual, quando a insuficiência da integração do Eu acarreta uma fragilidade frente às situações percebidas como de desamparo, desamor ou de não reconhecimento, talvez no plano coletivo ocorra algo semelhante. Também as sociedades, dissociadas ou cindidas pelas naturais diferenças culturais, raciais, identitárias e econômicas, estão mais propensas ao ressentimento como expressão da falta de um tratamento igualitário entre seus membros. A partir de um inquestionável paradigma de liberdade, quando as diferenças individuais e sociais não são consideradas e respeitadas, a não integração tende a se perpetuar, ensejando uma estrutura social baseada no ressentimento de um grupo em relação a outro, em uma dinâmica que tende a estimular o ataque e a agressividade ao invés da integração social. □

Abstract

The malaise of resentment

This paper intends to understand some psychic and social roots of resentment. Starting from the idea that individual resentment occurs from a threat to narcissistic

Celso Halperin

integration seen as fragile, the author relates this hypothesis to some characteristics of social resentment.

Keywords: Resentment; Narcissism; Integration of the ego

Resumen

El malestar del resentimiento

Este trabajo busca comprender algunas raíces psíquicas y sociales del resentimiento. Partiendo de la idea de que el resentimiento individual se produce por una amenaza a la integración narcisista percibida como frágil, el autor relaciona esta hipótesis con algunas características del resentimiento social.

Palabras clave: Resentimiento; Narcisismo; Integración del Yo

Referências

- Bauman, Z. (1998). O mal-estar da pós-modernidade. Zahar.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Trad. de L. A. Hanz, Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras completas* (Trad. de P.C. Souza, Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In *Obras completas* (Trad. P. C. Souza, Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Kancyper, L. (1994). *Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M.R. (2004). *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marucco, N.C. (1998). Introducción de lo siniestro en el Yo. In *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Nietzsche, F. (2004). *Genealogia da moral: uma polémica*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1887)
- Ogden, T.H. (1995). Sobre o espaço potencial. In P.L. Giovacchini, *Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 79-95). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1985)
- Roussillon, R. (2013). Las simbolizaciones primarias y secundarias. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, 69, 219-241.

Scheler, M. (2019). O ressentimento na construção das morais. In *Da reviravolta dos valores*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1915)

Winnicott, D.W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945)

Recebido em 08/02/2021

Aceito em 05/05/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Regina Orgler Sordi**

Celso Halperin

Rua Mostardeiro, 157/905

90430001 – Porto Alegre, RS – Brasil

halperin@uol.com.br

© Revista de Psicanálise da SPPA